



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma “antropografia” (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

Mulherio urbano: o lugar de uma artista pesquisadora entre a academia e o ativismo

Autoria: Marielen Baldissera (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Em minha pesquisa de doutorado fotografo intervenções urbanas (lambes, pichações, adesivos, etc.) que contenham mensagens feministas e que tenham sido produzidas por mulheres. A partir dessas fotografias realizo colagens e desenhos que retornam à paisagem urbana levando a assinatura de @mulheriourbano. Mulherio Urbano é um coletivo de artistas feministas do qual sou integrante. Iniciamos nossas atividades em Porto Alegre no ano de 2019 e, até o momento, nossa formação é de três artistas/pesquisadoras que trabalham com feminismo e produção de imagens. Em nossos works pessoais utilizamos diferentes suportes, como fotografia, desenho e graffiti e, no coletivo, realizamos intervenções urbanas principalmente com a colagem de lambes e adesivos pelas cidades em que habitamos e pelas quais nos deslocamos. O objetivo dessas ações é espalhar mensagens sobre questões relacionadas à ocupação dos corpos femininos nos espaços públicos, sobre sexualidade, racismo e afetividade. Buscamos dialogar com outras mulheres por meio de imagens e frases, nas ruas e no meio virtual, em nossa conta no Instagram, pensando em modos de fazer política de forma poética. Nesta comunicação apresento uma série de ilustrações em que replico frases



que encontro escritas nas paredes da cidade e utilizo fotografias realizadas por mulheres como referência para desenhos. Também apresento o processo de inserção dessas criações no ambiente urbano e no meio virtual. Ao mesmo tempo, busco tensionar o lugar de pesquisadora acadêmica e o de artista e ativista, bem como a criação coletiva e individual realizada pelo Mulherio Urbano. Sendo mulher, assim como minhas interlocutoras, coloco-me nas ruas da cidade intervindo sobre ela e lidando com problemas que os corpos femininos enfrentam em espaços públicos, levando em consideração as diferenças de que cada uma de nós carrega. É gerada uma espécie de movimento circular que tem início no espaço urbano e vai ganhando força e se reinventando para voltar a atuar no mesmo meio. Dessa maneira, proponho-me a pensar como esses movimentos produzem conhecimento antropológico, artístico e político em uma pesquisa de doutorado e no viver de um coletivo de mulheres, relacionando as ações práticas com a produção teórica de autoras que abordam assuntos como feminismo, artes visuais e antropologia visual.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: